

## Notas

### VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA MEDIEVAL LINGUAGEM E CONHECIMENTO NA IDADE MÉDIA

Em 1882, correspondendo a um pedido expresso do Papa Leão XIII, Désiré Mercier criou na Universidade Católica de Lovaina uma cadeira de filosofia tomista, que veio a ser o embrião do Instituto Superior de Filosofia, fundado em 1893. É bem conhecido o papel que desempenhou o futuro Cardeal Mercier e o seu Instituto no estudo da história da filosofia medieval, graças aos trabalhos de investigação do professor lovaniense Maurice De Wulf (1867-1947), continuados pelo seu discípulo e colaborador, o Prof. F. Van Steenberghe. A par das pesquisas sobre os pensadores medievais, o Instituto desenvolveu notável actividade sobre a filosofia antiga, e particularmente sobre Aristóteles, de que se tornou um dos mais reputados especialistas o Prof. Augustin Mansion (1882-1966), a cujo saber tivemos ainda a honra de poder recorrer, e de que são continuadores, de nomeada também internacional, os professores Susanne Mansion, sua sobrinha, e Gérard Verbeke.

Por iniciativa de um dos discípulos de Van Steenberghe, o Prof. Herman-Leo Van Breda (1911-1974), foi fundado no Instituto Superior de Filosofia, em 1956, o «Centre De Wulf-Mansion», que dois anos depois, por ocasião da Exposição Internacional de Bruxelas, organizou em Lovaina um Congresso Internacional de Filosofia Medieval.

Inserindo-se nas intenções da Exposição Mundial, o congresso escolheu como tema *O homem e o seu destino segundo os pensadores da Idade Média*. Neste congresso nasceu a ideia da criação da «Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale», que em 1961 promoveu o segundo congresso, realizado em Colónia, sob o tema *A Metafísica na Idade Média*. O centenário da Confederação canadiana e a Exposição Internacional de Montréal proporcionaram que o quarto congresso ali se reunisse em 1967, para tratar de *As Artes Liberais e a Filosofia na Idade Média*. Foi então resolvido que estes congressos passassem a realizar-se de cinco em cinco anos, em vez de cada três anos. Assim, o seguinte teve lugar em 1972, em Espanha. Levando em conta que a Península Ibérica foi um centro de floração filosófica muçulmana e judaica, com Averróis, Maimónides e Ibne Gabirol (Avencebrol), assim como foco de irradiação do novo conhecimento de Aristóteles e do saber grego no Ocidente, mercê das traduções aqui empreendidas, foi esse mesmo fenómeno que se escolheu como tema geral do congresso, *Encontro de Culturas na Filosofia Medieval*, que decorreu em Madrid e nas duas cidades-chave do domínio islâmico, Córdova e Granada.

O Congresso de 1977 não pôde ser efectuado em Portugal, conforme sugestão feita à S.I.E.P.M., que a aceitara, para deste modo se celebrar o sétimo centenário da morte de Pedro Hispano Portugalense. Coube, por isso, ao Prof. Wolfgang Kluxen, Presidente da S.I.E.P.M., assegurar a organização na sua Universidade de Bona, de 29 de Agosto a 3 de Setembro. Havia sido escolhido para tema geral um problema de muito interesse entre as correntes filosóficas contemporâneas: *Linguagem e conhecimento na Idade Média*.

Na tarde de 29 de Agosto, usou da palavra para abertura do Congresso o Prof. W. Kluxen, presidente da Associação e da Comissão Organizadora, que se exprimiu em alemão e em latim; o Prof. Dr. Rolf Leis, Magnífico Reitor da Rheinischen Friedrich-Wilhelms-Universität, dirigiu palavras de boas vindas e acolhimento; também palavras de saudação foram ditas pelo Académico Sava Ganovski (Bulgária), Presidente da Federação Internacional das Sociedades de Filosofia, e pelo Prof. G. Verbeke, da Union Académique Internationale. Em latim elegante falou também o Prof. R. Klibansky, Presidente de honra da Comissão organizadora.

O Prof. Kluxen proferiu a conferência com que os trabalhos se iniciaram, dissertando sugestivamente sobre *Ideias directivas e metas de investigação da Filosofia medieval*.

No início da sessão, na Aula Magna da Universidade, o seu «Collegium Musicum», sob a direcção do Prof. Dr. E. Platen, executou um concerto para órgão e orquestra de F. Händel.

## 1 — As cinco secções dos trabalhos

O tema geral foi dividido em cinco secções. Para tratamento do objecto de cada uma, por um especialista para tal designado, destinou-se a primeira parte das manhãs. Seguiam-se as sessões parciais, que se continuavam pela tarde, em funcionamento simultâneo, para encontrarem lugar de exposição as cerca de cento e cinquenta comunicações apresentadas pelos congressistas, que se inscreveram em número de quase cinco centenas.

O Secretariado do Congresso havia previamente solicitado que cada um enviasse um resumo, reproduzido depois anastaticamente em volume distribuído a todos no dia de abertura. Tornou-se mais fácil, assim, que os congressistas se fossem repartindo pelas várias sessões parciais, de forma a assistirem à explanação e a intervirem na discussão dos assuntos de seu especial interesse.

Sendo impossível registar aqui os nomes de todos os participantes e os problemas por eles desenvolvidos, deixaremos indicações sobre cada um dos cinco temas por que se desdobrou o tratamento da problemática geral, colocando em primeiro lugar os nomes dos intervenientes nas sessões plenárias.

### I — *Linguagem e Lógica*

L. M. de Rijk (Leiden), *A influência da semântica neoplatónica no pensamento medieval sobre o Ser*; M. Markowski (Cracóvia), *Linguagem e lógica na*

*Idade Média*; A. Maicrù, (Roma), «Signum» na cultura medieval; Desmond Paul Henry (Manchester), *Metafísica medieval e a linguagem lógica contemporânea*; P. Müller, (Roma), *Linguagem e pensamento nos escritos de St. Anselmo*; J. F. Quinn (Toronto), *A «scientia sermocinalis» de S. Boaventura e o seu uso na linguagem respeitante ao mistério da Trindade*; W. Hübener (Alemanha), *Oratio mentalis e oratio vocalis na filosofia do séc. XIV*; Klaus Jacobi (Alemanha), *Três teorias sobre a função dos sinais predicativos do segundo grau. A discussão do «si» em Guilherme de Shyreswood*; E. P. Bos (Lciden), *Os verbos mentais (intelligere, cognoscere, appetere, promittere) na lógica terminística: João Buridan, Alberto de Saxónia e Marsílio de Inghen*; V. Muñoz Delgado (Salamanca), *Significação em alguns lógicos espanhóis*; R. Palacz (Warschau), *Os escritos polémicos de João Buridan e a questão medieval dos «universais»*; O. Lewry (Inglaterra), *A significação em Roberto Kilvardby: um curso parisiense sobre a «Logica Vetus»*; Elizabeth Karger (França), *Consequências e inconsequências da «suposição» vazia na lógica de Ockham*; Ch. E. Butterworth (U.S.A.), *Averróis e o seu Comentário Médio às Categorias de Aristóteles*; P. Hadot (França), *A noção de entimema na Alta Idade Média*; A. Siclari (Itália), *Os «Capita philosophica» de João Damasceno na «Summa logicae» de Ockham.*

Pelo interesse da questão, damos os tópicos da comunicação do Prof. E. Bertola (Milão), *A gramática e o problema dos universais*: Porque é que a primeira e tradicional solução do problema dos universais, durante os séculos medievais, foi o realismo? Foi esta querela originada na leitura dos textos de Profírio e de Boécio? O autor responde que a raiz se encontra primeiramente na gramática, nas obras de Donato e de Prisciano, base e fundamento da cultura da época, mais do que nos textos lógicos.

## II — Linguagem e Ciência

J. Murdoch (Harvard), «*Scientia mediantibus vocibus*»: análise metalinguística na *Filosofia Natural dos fins da Idade Média*: St. F. Brown (U.S.A.), *Um prólogo moderno à Filosofia Natural de Ockham*; S. Knuutila (Helsínquia), *A interpretação «estatística» da Modalidade e a sua crítica na Idade Média*; M. B. Crowe (Irlanda), *A terminologia do direito natural nos fins do séc. XII e primeira parte do séc. XIII*; Marie-Elisabeth Duchez (C.N.R.S., Paris), *Descrição gramatical e descrição aritmética dos fenómenos musicais: a transformação do séc. IX*; J. Halbronn (França), *O recurso à astrologia como linguagem alegórica privilegiada do pensamento judaico*; Eugénia Paschetto (Itália), *Linguagem e magia no De configurationibus de Nicolau de Oresme*; S. Mazierski (Polónia), *É a filosofia de T. de Aquino um sistema fechado ou aberto?*; H. Paul Mercken (U.S.A.), *O método de R. Grosssetesta na tradução da filosofia grega para latim: uma análise por computador*; Grazyna Rosinska (Polónia), *A função dos termos experientia e probatio per experientiam numa desconhecida obra óptica de Martinho de Hammerlin (séc. XV)*; H. Michael Stiebing (Alemanha), *A divisão das ciências em S. Boaventura como exemplo para o processo do uso dos universais na Teoria da Ciência na Idade Média. Uma análise semiótica*; Hadi Sharifi (Irão), *A edição crítica dos textos filosóficos islâmicos como contributo para a filosofia medieval*; F. Klein-Franke (Israel), *A oposição dogmática no Islão à recepção das ciências antigas*; J. Hamesse (Lovaina),

A segunda «reportatio» das *Collationes de septem donis Spiritus Sancti de S. Boaventura*; C. Joja (Romênia), *Abelardo, precursor da semântica moderna*; Gregor Maurach (Alemanha), *Linguagem e Metafísica nos escritos de Física do século XII*; Benedetto D'Amore (Roma), *Fundamentos do conhecimento e da linguagem da ciência na Idade Média*; V. Richter (Áustria), *Ockham e os Moderni na questão dos universais*; C. Panaccio (Canadá), *G. d'Ockham e os pronomes demonstrativos*.

### III — Linguagem e Metafísica

J. Jolivet (Paris), *Para um estudo das relações entre a gramática e a ontologia na Idade Média: alguns exemplos — Bernardo de Chartres, T. de Aquino, D. Scoto e Ockham*; L. Oeing-Hanhoff (Tübingen), *Ser e Linguagem na metafísica medieval*; A. B. Wolter (Washington), *Um diálogo de Oxford sobre linguagem e metafísica*; Shinro Kato (Tóquio), *O sentido metafísico de expressões topológicas em St. Agostinho* (como: foris, intus, exterius, interius, super, infra, subter, ante, retro); E. R. McCarthy (U.S.A.), *Distinções ontológicas na teoria medieval da luz (lux e lumen)*; Marta Cristiani (Itália), *Natureza-essência e natureza-linguagem. Notas sobre o emprego do termo «natura» no «Periphyseon» de J. E. Erígena*; R. Macken (Lovaina), *As diversas aplicações da distinção intencional em Henrique de Gand*; John Wippel (Washington), *Jacques de Viterbo sobre Essência e Existência e Godefroid de Fontaines sobre Natureza e «suppositum»*; Ludger Honnefelder (Alemanha), *«Equinitas est tantum equinitas». Recepção e crítica da consideração da essência em Avicena como paradigma da conexão de metafísica, lógica e teoria do conhecimento nos sécs. XIII-XIV*; P. Scapin (Pádua), *Níveis de experiência e compreensão metafísica segundo D. Scoto*; Ed. Weber (Paris), *A negatividade metódica como momento crítico da epistemologia e da linguagem em Alberto Magno e T. de Aquino*; E. Moutsopoulos (Atenas), *Influências aristotélicas nas traduções das obras de S. Tomás por Demetrius Cydonius*; Yuk Wong (Universidade Chinesa de Hong Kong), *Os conceitos de linguagem e imortalidade na China da Alta Idade Média*.

### IV — Linguagem e Conhecimento religioso

Não pôde estar presente, mas foi lido o texto do estudo preparado por M. de Gandillac (Paris) sobre o tema desta secção, em que intervieram também S. Pines (Jerusalém), *Linguagem e conhecimento de Deus em Maimônides*; Elisabeth Gössmann (Japão), *Implicações retóricas e didáticas da discussão sobre o conhecimento de Deus em Abelardo e Bernardo de Claraval*; P. A. Mellone (Itália), *A linguagem poética e o pensamento teológico de Dante*; A. Hymen (Yeshiva University e Columbia University, Nova York), *A linguagem a respeito de Deus em Maimônides*; W. Melczer (Syracuse University, U. S. A.), *Anti-intelectualismo e anti-aristotelismo em Hasdai Crescas*; A. Nader (Líbano), *A linguagem dos teólogos muçulmanos na Idade Média*; H. Nagakura (Japão), *Teologia da imagem de Deus. Para um reencontro entre o cristianismo e o budismo*; K. K. Roy (Índia), *Linguagens tribais e cultos neo-religiosos na Índia*; W. J. Hankey (Canadá), *A estrutura da lógica aristotélica e o conhecimento de Deus na Pars Prima da Summa Theologiae*

de T. de Aquino; M. Turker-Küyel (Turquia), *A relação entre a linguagem e o conhecimento em Alfarabi*; A. J. Vanderjagt (Holanda), *O nome de Deus em Algazel e St.º Anselmo*; M. Ben Milad (Tunísia), *A noção de Haq ou o Logos islâmico*; E. Colomer (Barcelona), *A interpretação do Tetragrama bíblico em Ramón Martí e Arnaldo de Vilanova*; Alain Guy (França), *O ecumenismo crítico de Turmeda (Abdallah-al-Targumân)*; L.-J. Bataillon (Itália), *O emprego da linguagem filosófica nos sermões do séc. XIII*; H. Santiago-Otero (Madrid), *O termo «teologia» em Abelardo*; W. W. Artus (U. S. A.), *A linguagem teológica de Raimundo Lulo*.

#### V — As estruturas da linguagem e os graus do conhecimento

O desenvolvimento deste tema foi feito na sessão plenária de encerramento do Congresso, no dia 3 de Setembro, e encarregou-se do seu tratamento o Prof. J. A. Garcia-Junceda (Madrid), que falou em espanhol. Apresentou uma visão história do ensino medieval quanto ao assunto, em relação com a cultura cristã. A linguagem aparece como expressão de uma doutrina que devia ser transmitida. Tomou St.º Agostinho e principalmente o «De doctrina christiana» como objecto de análise do papel da palavra para o bispo de Hipona, considerando a palavra como sinal, mas cuja importância está em que ela conduz às coisas. O programa inscreveu ainda para a sessão de encerramento os trabalhos de F. Inciarte (Münster), *A estrutura da predicação na teologia de T. de Aquino*, e de R. Inagaki (Fukuoka, Japão), *Transcendência e analogia*.

Nas sessões parciais, no decurso da semana, foram expostas, entre outras, as seguintes comunicações: A. Cazenave (França), *A propósito da iconografia e da linguagem: a época românica*; E. L. Fortin (U.S.A.), *Dante e a estrutura da alegoria filosófica*; G. H. Allard (Canadá), *O sentido de «Majores nostri» em João de Salisbúria*; Th. Crowley (Lovaina), *Rogério Bacon filólogo*; J. Moreau (Bordeus), *Lógica e dialéctica no argumento do Proslogium*; J. L. Mirete Navarro (Espanha), *Linguagem e conhecimento jurídico*; J. Korolec (Polónia), *Retórica — a lógica moral segundo João de Jandun*; B. C. Bazán (Ottawa), *Precisões sobre a doutrina do «intellectus» segundo T. de Aquino (a propósito de equívocos de E. H. Weber)*; A. Pattin (Lovaina), *A noética de Gérard d'Abbeville (†1272) em suas obras inéditas, os Quodlibets e as Quaestiones disputatae de cogitatione*; A. Glibert-Thirry (Bélgica), *A teoria estóica da linguagem e a sua influência na Idade Média*; O. Jah (Nigéria), *A filosofia mística de 'Ayn al-Qudat al-Hamdani (1098-1131 A.D.)*; C. Giaccon (Roma), *Linguagem e «Scintilla Rationis»*; J. P. Atherton (Dalhousie University, Halifax, Canadá), *Videt tamen oculus aquilae: a distinção entre «intellectus» e «ratio» na apreensão das essências*; T. Hasumi (Japão), *Estudo comparativo sobre as teorias do conhecimento em S. Tomás, Kant e Zen*.

A extensa relação das comunicações e a variedade de proveniências dos participantes deixam bem patente a largueza dos problemas tratados e o interesse que eles despertam em investigadores de todas as partes do mundo e de todos os quadrantes culturais.

De Portugal, estiveram presentes Joaquim Cerqueira Gonçalves (Universidade de Lisboa), cuja comunicação sobre *Pedagogia e linguagem em St. Agostinho* foi apresentada em sessão presidida pelo Prof. F. Van Steenberghen; e José Maria da Cruz Pontes (Universidade de Coimbra), lembrando o 7.º centenário da morte do português Pedro Julião com uma comunicação acerca de *Alguns problema sobre a voz e a significação no comentário inédito de Pedro Hispano Portugallense sobre o «De animalibus»*, em sessão a que presidiu o Prof. Desmond Paul Henry.

Houve uma sessão especial, na noite de terça-feira, 30 de Agosto, para comemorar o 850.º aniversário do nascimento de Averróis em Córdova. O P. Georges Anawati repetiu a conferência que pronunciara em Roma na Accademia Nazionale dei Lincei sobre *A filosofia de Averróis na história da filosofia árabe*, distinguindo a importância de Averróis na filosofia árabe do seu tempo, o seguinte eclipse entre os filósofos árabes posteriores, até o novo interesse suscitado a partir do século passado.

Intervieram também nesta sessão os Profs. S. Taftazani e S. Gómez Nogales.

## 2 — Comissões de trabalho

Os congressos promovidos pela S.I.E.P.M. são preparados com muitos meses de antecedência e nessa preparação ocupa um importante lugar a função atribuída a várias comissões de trabalho, para as quais um relator prepara uma exposição baseada muitas vezes no contributo recebido em resposta de consultas prévias. Esse relatório, lido em sessões restritas de especialistas ou estudiosos interessados em determinado ramo de investigação, permite apresentar o estado actual das questões, as aquisições das pesquisas mais recentes, as dúvidas ou problemas em que a troca de impressões pode ser vantajosa.

Algumas das mais importantes Comissões de trabalho funcionam já em continuidade desde há anos, pelo que esta parte dos congressos se tem revelado como a mais útil e interessante.

Desta vez, funcionaram oito Comissões.

### I — Edições de textos

Os trabalhos desta Comissão, uma das mais eficientes e proveitosas, tem tido como relator a figura gentilíssima e veneranda de Mlle Marie-Thérèse d'Alverny, que poderá surpreender quem a não tenha ainda ouvido falar como especialista tanto sobre questões de Patrística, Paleografia e Codicologia, como sobre temas da cultura árabe. Mlle M.-Th. d'Alverny comentou os processos de edições de textos nas colecções mais autorizadas, como as do «Corpus Christianorum» e as de «Sources Chrétiennes».

Discutiram-se as formas viáveis para conseguir um conjunto de regras quanto possível aceitável pela generalidade dos editores de textos críticos. Foi posta em relevo a importância dos vários índices que acompanham as

modernas edições. A sua preparação exige um labor de muitas fadigas, mas eles propiciam aos investigadores de vasto âmbito de disciplinas o aproveitamento dos textos para variadas ciências — filosófico-teológicas, linguísticas, e outras.

## II — *Comentários de Aristóteles na Idade Média Latina*

A S.I.E.P.M. desde há muito se interessa pela publicação de um «Corpus Philosophorum Medii Aevi». Nesse projecto se inclui o «Aristoteles Latinus», que se propõe identificar e inventariar os comentários medievais sobre as obras do Estagirita realizados até 1520, existentes nas bibliotecas europeias. A Union Académique Internationale, que já havia publicado dois volumes preliminares sobre o Aristoteles Latinus, patrocina esta iniciativa, de cuja orientação encarregou o Prof. Gérard Verbeke, de Lovaina. Este, na sessão da Comissão de trabalho, chamou a atenção para a importância da inventariação dos comentários medievais de Aristóteles, muitos deles provenientes de cursos universitários. Não se trata de os publicar a todos, mas sim de os inventariar e descrever sob normas uniformes. Fez-se o ponto da situação dos trabalhos realizados nos vários países, com a exposição de cada um dos que estão a realizar aquela tarefa.

Na Polónia, foi publicado já pela Academia das Ciências o *Repertorium commentariorum medii aevi in Aristotelem latinorum quae in Bibliotheca Jagellonica Cracoviae asservantur*. Composuerunt Miciclaus Markowski [et] Sophia Wlodek, 1974. Aguarda-se a organização de mais dois volumes com a descrição dos manuscritos existentes na Polónia.

A Academia das Ciências da Polónia encarrega-se também do trabalho respeitante às bibliotecas da Hungria, Jugoslávia e Checoslováquia. Quanto a este último país, onde existem três bibliotecas, já apareceu o *Repertorium commentariorum medii aevi in Aristotelem latinorum quae in Bibliotheca olim Universitatis Pragensis nunc Státní Knihovna CSR vocata asservantur*, ex descriptionibus a se confectis composuit G. B. Korolec (Polska Akademia Nauk, Instytut Filozofii i Socjologii), Wrocław, Ossolineum, 1977, 143 pp.

Na Bélgica, a pesquisa foi realizada pelo P. A. Pattin, do De Wulf-Mansioncentrum de Lovaina, estando o inventário pronto para a imprensa.

Na Holanda, foram encontrados até agora quinze manuscritos. A sua descrição, bem como a investigação no Luxemburgo, será feita sob a orientação do Prof. L. M. de Rijk.

O Prof. A. Zimmerman, de Colónia, em colaboração com M. Bauer, tomou o encargo do que respeita à Alemanha.

O Prof. W. Seńko, da Academia das Ciências da Polónia, com uma bolsa do Institut de l'Histoire des Textes, de Paris, faz o inventário da Biblioteca Nacional e da Biblioteca do Arsenal, de Paris. A investigação nas bibliotecas inglesas será realizada por Charles Lohr, na Suíssa por P. Künzle, na Escandinávia por J. Pinborg. Quanto à Itália, houve uma reunião para a organização de um grupo de trabalho sob a direcção de E. Garin.

Na Espanha, o Prof. Laureano Robles, de Valencia, fez já procuras cuidadas e averiguou serem numerosos os comentadores e os códices existentes,

dispersos estes por numerosas bibliotecas capitulares e outras, apesar de, quanto a Barcelona, por exemplo, ser frequente os bispos, nas visitas «ad sacra limina», oferecerem à Biblioteca Vaticana manuscritos que agora ali se encontram.

No que respeita à Roménia e à União Soviética, não há notícias.

Quanto a Portugal, embora não seja previsível que se venha a descobrir qualquer notável texto de comentadores de Aristóteles anterior a 1520, por ocasião do Congresso de Madrid havíamos acolhido a solicitação do Prof. G. Verbeke e, com o apoio do falecido Prof. Arnaldo de Miranda Barbosa, tínhamo-nos proposto promover algumas diligências de pesquisa. A intenção, no entanto, não teve depois condições de prosseguimento.

### III — *Filosofia e Ciência no Islão*

Na ausência do Prof. I. Madkour, os trabalhos foram orientados pelo P. G. Anawati, tratando-se das edições árabes, hebraicas e latinas das obras de Averróis.

### IV — *A História das Ciências e a Filosofia na Idade Média*

Esta Comissão, que pela primeira vez surgiu no anterior Congresso de Madrid, está sob a orientação do Prof. Guy Beaujouan, «Directeur d'Études» da École Pratique des Hautes Études de Paris. Ocupou-se agora de um tema bem determinado: «Em que podem as investigações recentes sobre astrologia e alquimia melhorar a nossa compreensão da filosofia medieval?». Exposta a finalidade e orientação dos trabalhos, o Prof. Beaujouan fez algumas considerações de ordem geral, sublinhando a necessidade de uma reflexão preliminar sobre o estatuto epistemológico da astrologia e da alquimia.

Quanto à astrologia, aludiu ao pensamento astrológico judaico e à astrologia árabe. Torna-se necessário um estudo de conjunto sobre a astrologia no século XII: conhecidos no Ocidente os «libri naturales» do Estagirita, astrologia e cosmologia aristotélicas acomodam-se muito bem uma à outra. Também, por outro lado, a astrologia pode aparecer como ligada ao neoplatonismo, à magia, e até ao misticismo. Fazendo a apresentação de numerosos trabalhos recentemente publicados, o Prof. Beaujouan salientou que, se se quer descobrir a variedade do pensamento astrológico medieval, encontram-se dois temas reveladores: as inteligências celestes e a validade dos selos astrológicos. Se os motores das esferas celestes são anjos susceptíveis de serem especialmente invocados, fica aberta a porta à magia, merecendo particular atenção a eventual influência da angeleologia judaica. Quanto à astrologia, é de referir a confiança dada aos «condensadores de influências astrais», que são os selos astrológicos.

Não menos importante é a literatura anti-astrológica, de que temos em Portugal um exemplo na obra de Frei António de Beja, *Contra os juizos dos astrólogos* (Lisboa, 1523).

Com o interesse da astrologia se relaciona uma das comunicações apresentadas em sessão parcial do Congresso por J. Halbron (Paris), que documentadamente tratou de *O recurso à linguagem astrológica na formulação do pensamento judaico*.

Quanto à alquimia, o Prof. Beaujouan referiu que o seu estatuto epistemológico é nitidamente diferente do da astrologia, quanto às relações com o

ensino, os níveis de leitura, o modo como os textos são assumidos pelos seus autores, e até a maneira como a tradição medieval se prolonga até ao fim do século XVII.

Respondendo ao inquérito que o Prof. Beaujouan havia expedido com antecedência aos investigadores que se dedicam a este domínio de estudos, Claude Gagnon apresentou um bem documentado trabalho sobre a alquimia medieval, chamando a atenção para o conceito de «euro-moeda», de modo que há um aspecto da alquimia que diz respeito à história económica.

As restantes Comissões de trabalho ocupam-se do Trivium (J. Pinborg, Copenhague), Filosofia Judaica (S. Pines, Jerusalém), Filosofia comparada: o pensamento no Oriente e no Ocidente (T. Izutsu, Tóquio, e R. Klibansky, Montréal), e do Tratamento electrónico dos documentos e o estudo de textos medievais (P. Tombeur, Lovaina).

### 3 — Assembleia Geral da S. I. E. P. M.

Na tarde de sexta-feira, 3 de Setembro, realizou-se a assembleia geral da S.I.E.P.M. que, atingindo os dezanove anos de existência, tem actualmente cinco centenas de membros. Tomou a presidência o Prof. W. Kluxen, ladeado pelos Profs. R. Klibansky e S. Gómez Nogales, secretariando o Prof. Ch. Wenin.

A leitura dos nomes dos membros falecidos desde a última assembleia geral, em 1972, feita pelo Prof. Kluxen, foi ouvida com muita emoção, pois alguns dos desaparecidos eram muito prestigiados e bem conhecidos de todos os medievalistas, e com alguns deles tínhamos convivido em congressos anteriores.

O Prof. Ch. Wenin expôs alguns problemas e dificuldades actuais, especialmente de ordem financeira, por causa do aumento das tarifas postais e dos encargos tipográficos com a edição do *Bulletin de Philosophie Médiévale*, órgão da Sociedade, que sai todos os anos.

Dada a cisão verificada na Universidade de Lovaina entre as secções neerlandesa e francesa, foi por unanimidade aprovado que a Sede da Sociedade acompanhe para Louvain-la-Neuve a secção francesa, que desde o princípio lhe vem dando apoio.

Foi eleita, a seguir, a nova direcção da S.I.E.P.M., que ficou assim constituída: Presidente, W. Kluxen (Bona, Alemanha), Vice-presidentes, Z. Kuksewicz (Varsóvia, Polónia), J. Murdoch (Harv., Cambridge, U.S.A.) e G. Verbeke (Lovaina, Bélgica); Assesores, G. C. Anawati (Cairo, Egipto), L. M. de Rijk (Leiden, Holanda), R. Inagaki (Fukuoka, Japão), J. Jolivet (Paris, França), A. Maierù (Roma, Itália), S. Nasr (Teerão, Irão), J. Pinborg (Copenhague, Dinamarca) e J. Theodorakopoulos (Atenas, Grécia).

Quanto ao próximo congresso, a realizar em 1982, encarregou-se da sua organização a delegação polaca, conduzida pelo Prof. Z. Kuksewicz, e terá lugar em Cracóvia, tomando por tema «Filosofia e Ciência na Idade Média», alargado para um âmbito mais aberto que poderá ser «O Homem e o Universo na Idade Média».

É devida uma palavra de louvor e apreço ao Prof. W. Kluxen, que se responsabilizou pela organização do congresso de Bona e aceitou ser reeleito presidente da Sociedade, assim como ao secretário desta, o Prof. Ch. Wenin, tão eficiente e elegante na delicada condução da Assembleia geral.

#### 4 — Notas

Durante um serão do congresso foi oferecido um interessante concerto de música medieval e renascentista, efectuado por um grupo musical trajado à maneira da época, e que foi ilustrado com uma prova de cerveja, conforme pedia a letra de uma das canções executadas, algumas das quais lembravam certas tradições dos goliardos.

O Reitor da Universidade de Bona, assim como o Cardeal J. Höffner, Arcebispo de Colónia, ofereceram recepções aos congressistas, a quem também a comissão organizadora proporcionou uma excursão, escolhida por cada um entre três roteiros propostos, mas dos quais foi decerto o mais preferido o de uma excursão de barco pelo Reno.

O Embaixador de Portugal em Bona, Dr. Ernâni Lopes, teve a gentileza de convidar para um jantar na Embaixada os quatro portugueses presentes no congresso.

As Actas sairão em dois volumes, publicados pelas Edições De Gruyter, de Berlim: o primeiro conterá as exposições das sessões plenárias e o segundo acolherá uma selecção das comunicações mais de perto relacionadas com o tema do congresso, dada a impossibilidade de fazer imprimir todo o seu avultado número.

J. M. DA CRUZ PONTES

### I ENCONTRO SOBRE HISTÓRIA DOMINICANA

Para celebrar o aparecimento do último dos seis volumes dos *Theologica Scripta* de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que foi arcebispo de Braga e interveniente no Concílio de Trento, realizou-se na Batalha e em Fátima, nos dias 1 e 2 de Outubro de 1977 o I Encontro sobre História Dominicana.

A edição daqueles inéditos foi realizada em moldes científicos por Frei Raul de Almeida Rolo, com o patrocínio da Fundação Gulbenkian.

Na tarde de sábado, na Sala do Capítulo do Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha, onde Frei Bartolomeu proferiu as lições cujos manuscritos estiveram durante dois séculos como que esquecidos num arquivo de Roma, para onde tinham sido levados de Portugal, celebrou-se uma sessão que abriu com a comunicação do Prof. Joaquim Veríssimo Serrão sobre o «Quadro geo-político da Batalha — 1540/50». O Doutor Manuel Augusto Rodrigues falou sobre «As aulas de Frei Bartolomeu no contexto escolar da época».

O Dr. António Manuel Gonçalves fez a apresentação do editor destes valiosíssimos escritos teológicos de Frei Bartolomeu, o Padre Frei Raul de Almeida Rolo, que os precedeu de um notabilíssimo estudo histórico e doutrinal, que ocupa 360 páginas do primeiro destes seis volumes. O Padre Almeida Rolo fez a seguir uma exposição sobre os *Theologica Scripta*.

Nos intervalos das intervenções destes oradores, o Grupo das Irmãs Dominicanas executou alguns números de música gregoriana.

A segunda parte da sessão foi constituída pela apresentação de cenas da «Vida de Mestre Frei Bartolomeu» apresentadas pelo Grupo Cénico do Orfeão de Leiria, seguindo muitas vezes de perto a obra de Frei Luís de Sousa, de modo a merecer entusiásticos aplausos.

No domingo, em Fátima, os trabalhos da manhã abriram com uma lição do Prof. Manuel Lopes de Almeida, acerca «Dos méritos e deméritos da História Dominicana em Portugal». Foram lembradas figuras dominicanas quase esquecidas, como Fr. Diogo de Lemos, Fr. Diogo do Rosário, Mestre André de Resende, Frei Nicolau Dias, salientando-se características que os creditam como historiadores. Seguiu-se o tratamento do segundo tema, respeitante ao período posterior à extinção das Ordens e Congregações religiosas, em 1834. O Prof. Jorge Borges de Macedo traçou «Um quadro sócio-político» e o P. Henrique Pinto Reima, O.F.M., falou do «Quadro eclesial-congreganista».

Pôs fim a esta manhã de estudo uma comunicação do Conde de Azinhaga, que historiou o «Reflorir Dominicano: Irmã Teresa Saldanha, O.P.». Mesmo depois da extinção, os Dominicanos subsistiram em Portugal, nos Conventos Irlandeses do Corpo Santo e Bom Sucesso. E foi pelas Irmãs Terceiras Regulares que a vida Dominicana ressurgiu em Portugal.

Por mais de uma dezena de sacerdotes, presididos pelo bispo-resignatário de Leiria, D. João Pereira Venâncio, foi concelebrada missa, de novo solenizada com o canto gregoriano do Grupo das Irmãs Dominicanas, que a voz de grande parte da assistência acompanhou também. Lembraram-se os cronistas dominicanos, como Frei Luís de Sousa, e muitos amigos, entre os quais o último desaparecido, o Prof. Doutor Guilherme Braga da Cruz. De uma conversa com ele surgira a ideia do Encontro.

Ao almoço de confraternização dos estudiosos da história dominicana com os amigos e as Comunidades dos Padres Pregadores e das Religiosas Dominicanas Portuguesas, Frei António do Rosário — que é com Frei Raul Rolo o grande animador deste trabalho cultural e devocional ao redor de Frei Bartolomeu dos Mártires — exprimiu a todos o agradecimento da Ordem.

Para concluir, seguiu-se ainda uma sessão de trabalho para debates, aberta com a entrega ao Presidente da Fundação Gulbenkian, Doutor Azeredo Perdigão, de um precioso pergaminho iluminado, em reconhecimento de como a munificência da Fundação tornou possível a publicação deste monumento cultural que são os seis volumes dos «Theologica Scripta». Nos debates intervieram os professores Lopes de Almeida, Avelino de Jesus da Costa, Silva Dias, Cruz Pontes, Aníbal Pinto de Castro, Borges de Macedo, Frei Raul Rolo, Frei António do Rosário, e outros dos participantes.

Em comemoração do acontecimento de tanto interesse como é a publicação destes textos inéditos do Arcebispo de Braga, foi cunhada uma medalha, realizada pela escultora Irene Vilar, que é um notável trabalho de medalhística em que, pela primeira vez, é esculpida a frente do Mosteiro da Batalha, no reverso da medalha, cujo anverso traz o busto de Frei Bartolomeu.

O Doutor Azeredo Perdigão, agradado com o nível dos trabalhos e das discussões, prometeu o seu patrocínio para que fossem publicadas as Actas deste Primeiro Encontro sobre História Dominicana.

J. M. DA CRUZ PONTES